

comentário

N. 10/6/83

Os tempos de guerra não são de ontem

por Mia Couto

Alguns dizem: «No tempo de guerra os moçambicanos trabalhavam com arma a tiracolo».

Mas os tempos de guerra são também os dias que correm. Produzir e combater são uma tradição que deve ser pronunciada no presente. Tempo que se prolonga há quase 20 anos, com a sucessão das guerras contra o colonial-fascismo, contra a agressão rodesiana e, hoje, contra o nazismo de Pretória e os seus bandos armados.

Não existe em todos esta concepção, esta consciência. Elas não existem ainda em muitos encarregados da gestão de empresas, de sectores e serviços. Estes ficam-se pelo despacho administrativo. A organização da defesa e da segurança do seu sector é tarefa das «milícias», dos «grupos de vigilância».

Para estes elementos, as tarefas estão hierarquizadas: no topo, como mais sublime e inacessível, está a economia. Em baixo, para os menos capazes, está a defesa do local de trabalho.

Se há que escolher elementos para as milícias ou para os grupos de vigilância seleccionam-se os mais indisciplinados, os menos produtivos. Se há que promover ou participar num encontro para organizar a defesa contra uma eventual agressão, estão ocupados ou pouco disponíveis.

Contudo, se a empresa ou se a repartição forem atacadas

ou destruídas, a economia não funcionará. O plano não será cumprido.

Empresas e bairros devem ser, em grau diferente de acordo com a sua localização geográfica, lugares em que se combinam a produção e a defesa da tranquilidade.

As agressões sul-africanas directas ou através dos bandos armados não nos podem apanhar desprevenidos. Não é no momento de um ataque que se organiza a defesa e a protecção das pessoas e dos bens. Tudo tem que estar previsto antes. Estas são as orientações que repetidamente a Direcção do nosso Partido nos tem transmitido.

Aprendemos a construir o nosso País em condições de guerra. Não que esse fosse nosso desejo. Mas é a realidade que nos foi e nos está sendo imposta. É esta realidade que obriga a que cada escola, cada creche, cada fábrica esteja preparada para proteger a vida de homens, mulheres e crianças.

Este nascer e crescer na confrontação não é uma fatalidade ou um capricho evitável. A agressão é o resultado da intolerância dos racistas, é o preço de vivermos livres na nossa Pátria livre e independente.

Gerir a economia e os destinos da Nação em condições de paz será privilégio de futuras gerações. A nós cabe-nos ser fortes e firmes para consolidar e fazer avançar as nossas conquistas populares e revolucionárias.